

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## SÁTIRAS POLÍTICAS DE SEISCENTOS. I.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1949 | Número: 59

---

### Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Sátiras políticas de seiscentos. I. *Revista de Guimarães*, 59 (3-4) Jul.-Dez. 1949, p. 395-405.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Sátiras políticas de Seiscentos

(Continuado da pág. 192)

— Pois eu também (disse o lavrador) quero dar a vossas mercês um treslado de minha figura e intenção, sem tanto esfola-gato de parola. Minha pátria é Aihos Vedros, a profissão perguntem a este meu burel, a sabedoria dirá logo minha língua: sou muito são e escoreito — louvores a Deus (*Deos*), cômô toda a vianda, tremo toda a maleita, bebo vinho e mijo claro, e dou mau grado aos mestres. Mas em Deus é em minha consciência (*conciencia*) que esta finta, que pronostica algum mau cajão, e quanto eu sem saber mais latim que a mula do nosso Prioste, cuido, que não pode ser cousa boa aquela que começa por nosso fim, sinais se veio o tempo tão temido de minha dona, em que as mulheres haviam de chegar a tanta negraria, que haviam de dar de tributo de três massarocas uma: e diga-me Sr. Licenciado — vale (*val*) para isto carta de seguro?

— Em o da morte (respondeu o estudante).

— Ah! (tornou o lavrador) quem me dera estar com o próprio rei de barba a barba, e a o tu por tu, que eu lhe dissera: Senhor, mandai aos vossos sanguessugas que não façam o xó! tão curto nem o arre! tão longo; que não seja a sua fome maior que a do seu ventre; que nos não queiram todos para si, pois Deus nos deu para todos; que não tenham onça de estado, e para isso furtem arrátel de ouro cavando-o em nossas pobres aldeias, como albardeiros que metem palha e sacam dinheiro. Contudo eu para lá vou e lhe levo sobre o caso uma carta pintada, que lhe há de fazer suar o topête.

— Por vida vossa (disse o estudante) que a vejamos, que pois vai sobre sonhado deve falar a propósito.

— A carta ei-la vai (respondeu o rústico) e tomem-na suas mercês com reverência, por que vale um olho da cara.

Abriu-a o estudante, e viu que dizia assim :

« *Carta a el Rei nosso Sor, que Santa Glória  
haja, ou a quem seu cargo servir  
vay do Conselho de Alhos Vedros.  
Ano de 623* »

Senhor : Mandastes cá pedir moeda para fazer guerra, e a maior guerra que nos podeis fazer é pedir moeda. A vossa carta vinha de *sobrepentê* e cheia de açúcar (*açucré*), mas não faltou logo quem dissesse que era como xarope doce para depois bebermos a purga amargosa. Pedis nela os caídos e os crescimentos (*crecimentos*), que são nossos, e sobre isso nos fintaes udo e graúdo, que é uma vergonha (*vergoña*), e para fazer de vós queixume aos pregadores, e então mandais logo repartição, e contas tão justificadas como se fosseis taverneiro. Se é pedido, bem vos dirão os padres de S. Roque que é arriscada a conta que se faz sobre esmolas ; e, se é forçado, dizei a quem vos dá os alvitres que compre gualteeira de rebuço e se vá às charnecas. Quem vos a vós aconselha deve de ter coração de asno e afagos de cão, que fazem de vós meninos enjeitado, pois tiram pelas portas para vós. Contudo, tanto que a mandei ler, logo a beijei mais vezes que filhinho de Mãe mimosa, e fui tachado porque a não mordi, mas nós os do governo todos temos beijos para vos beijar as mãos tendo tudo em mercê, e ninguém tem dentes para vos mastigar um bocado de verdade. Mandeí dar muitas badaladas, às quais logo acudiram todos os homens bons e ruins da governança, que haviam servido de almotaceis, varejadores, proculadrões e mais oficiais e danificadores do concelho, que estas são as letras vogais do nosso A.B.C. e entre

estes vieram alguns doentes de câmaras, que por estar nela nos houveram de espediçar o Cabido, cheirando os seus feitos mal a Deus e ao mundo. Veio também a cainçalha do povo, mais inquieta que caixas de mexilhões, mais birrenta que crelgo em jejum, e mais arranhadora que gato de judeu, e suposto que logo entendi que não estava a cousa cevada, lhe li de alto e bom som a Vossa carta, requerendo-lhe que a estimassem, e honrassem, como moeda de Rei, pois punha lei e fazia moeda, e que tinha passado em cousa julgada, dizendo-lhe a brados contra brados que tornassem o ferro a chuça, e que sem pesadelo falassem e esgravatassem o melhor e mais escoimado parecer.

Ficou o povo trêfego e arrufado, dando gritos que faziam furacos no Céu, e às punhadas, e a quem mais podia gritavam sobre vós, dizendo que nos tratáveis como a espinafres, pois nos cozeis com a nossa própria água. Essas, e outras benções levastes de caminho que se tiveras ali algum compadre bastavam para engelhar-vos, por que todos de pino a pino foram virando a folha por esta toada, e como eu sei que a guerra e a ceia eu a começo e ela se alteia, vendo tanta confusão, lançando fora a folhada do povo, escolhi quatro dos mais barbados, teimosos e cabeçudos, e lhe encarreguei a resposta da vossa carta, de que foi o primeiro Mateus o Crespo, que levantando-se deu um voto redondo e relanceado dizendo:

Esta carta vem solapada, e abona metal sem rei: parece-me que é como caldo de raposo, que está frio e queima, e se traz a Índia diante com seus grãos de pimenta, é em lugar de pesca, e para assim tirar dinheiro com a mão do gato, e que saibam eles lá que é dia de entrudo: pobres de nós, e da Índia, que não basta arrasar-lhe as terras todos os anos fazendo-lhe chorar com lágrimas de pérolas sua transmigração para capela, podendo ficar com Portugal seu irmão, de que tem todo o sangue, se não que ainda em seu nome pedem alimentos ao Morgado deserddado, como se a ele viera a herança por morte do esforço e da justiça, que a houveram legítimamente, posto que com bastardos.

Pois eu digo a salvamento da minha alma que a Índia se pode sustentar só com os baratos dos jogos da sua corte, e deste golpe ficavam calabreados os vagabundos dela, cujos oviosos corpos em Frandes podem ocupar o lugar em que injustamente andam, e morrem os Portugueses; e pois das riquezas da Índia se carregam todas essas alimárias castelhanas, é justo também que com sua fazenda o compensemos, por que a Índia sómente há mister braços naturais, e dinheiro estrangeiro. Quanto mais que como pedir fintas a povos tão pobres é aleijão do Governo, por mais dinheiro que daqui parta nunca chega às guerras, pois leva tantas manqueiras, e quem lhe dá a mão pelo não deixar cair, nunca o larga dela.

Contentem-se na má hora com nos deixar como meninos enjeitados, embrulhados nos paninhos da Índia, levando eles o ouro e a pedraria. Quanto aos caídos, que pede, sou de parecer que lhe mandem todos os Diabos, que foram os dinheiros caídos do Céu à terra, ou tornem-lhe lá a mandar os Judeus, que todos caíram de uma bolada, que pela destruição, que fizeram em Portugal, logo parece gente que veio de Castela.

E por que se não soletre que é este voto traveso, e que nasceu (*naceo*) com dentes, dêem-se-lhe os de meu dono, que são caídos há quarenta anos, e assim o juro pelo juramento de meu officio. E quanto aos crescimentos ofereçamos-lhe a metade das fontes, e dois terços dos asnos do lugar, que estes são os maiores crescimentos dele, pois da água pouca bebemos e asnos os mais os somos, que tendo as orelhas baixas com chuveiros de desastres, se vem um dia de sol de qualquer boa nova logo as vemos com festas, e correndo e saltando fazemos cair a manta à carga para se descobrir aos olhos dos senhoraços o que nos hão-de pedir por jeito, ou por força. Bem dizia (se fora de propósito) um Vereador (*Vreador*) de Coimbra perguntando-lhe el-Rei D. Sebastião se era a terra capaz de agasalhar a Corte vindo a coroar-se nela: Saiba, disse, V. Alteza que há palha e cevada para todos, que é o cabedal que um aposentador de meu amo dizia que se havia de apa-

relhar sômente para os hóspedes. Deixandó os crescimentos com as pontas das espadas de mais de marca, que também se lhe podem mandar. Se lá quiserem as minguas, demos-lhe todas as horas minguadas, pois dizem que até das do relógio nos hão-de fazer venda e tributo sem el-Rei, que Deus mantenha, saber dos monitórios que se passam, nem das misérias, que nós cá passamos.

A isto saiu António Chicarro, atravessando trunfo de torto em travéz dizendo—quem seu cu aluga não se assenta aonde quer. Nós temos a culpa em ser Portugal como pepino, que não sabe levantar a cabeça da terra deixando-se comer em verde. Como as árvores, demos cabo à fouce para cortar em nós. Por isso dizem—antes bom Rei, que boa lei; e ele meteu-nos em casa esta Galegaria que, como fogo de monturo, vai lavrando de vagar, tendo ele alguêem a par de si que nos come como sarna, sendo esponja do nosso vinho, e gorgulho (*gurgulho*) do nosso pão, e fazem deste Reino capa de pedinte, que são mais os remedos que o próprio pano. Porventura Castela sendo femea foi alguma hora fintada para seu marido Portugal? Pois logo não é razão (*rezão*), que além de o matar, lhe queira como algoz levar os vestidos. E já que el-Rei há mister ouro, a minha pincha é que mate algum dos conselheiros deste alvitre para lho tirar do bucho como a ratos da mina, que nós somos lavradores pobres, e não lhe podemos dar o suor que ganhamos com o pão do nosso rosto. Aqui acabou o voto, e os outros dois (*dous*) eleitos assinaram em branco. Agora vos digo eu que isto que não é feira da ladra, e da parte de Deus e de todos os Santos e Santas Portugueses vos requeiro que mandeis extirpar bem este fadário (*fadairo*), e nos respondais pelas mesmas consoantes, tornando as portas do vosso Conselho a seu couce, por que nós somos ovelhinhas de Deus, e não queremos que nos tosquie o Diabo, nem que tenhamos razão de dizer que é melhor o toutiço que a testa.

Com isto Deus vos guarde para seu Santo Serviço.

Esta carta vos dará Pero Folgado, sacudidor do Concelho, homem de fêveras (*fevaras*).

Pelos votos dela vereis que ides avêssô no malhão, e o mais que falta remetemos ao mensageiro (*messegeiro*); feita aos 6 de Outubro de 623.

« João Redondo Juiz. Mathias Amador, D.<sup>os</sup> esgalho Vreadores. Fr.<sup>co</sup> João Procurador. Mateus Crespo, A.<sup>o</sup> D.<sup>as</sup> Ant.<sup>o</sup> Chicharro, G.<sup>o</sup> A.<sup>o</sup> eleitos. E eu B.<sup>meo</sup> Picoto escrivão da Camara a escrevi por mandado dos sobreditos. Dia, mês e ano acima.»

— *Saepe et est olitor* (disse o Estudante) *val de oportuna locutus* — que água tão salgada por entre pedras toscas! Um aviso deste toque mandou já o ano atrás Cerolico o Bêbado, e agora o continua Alhos Vedros, dando ocasião que a par do dinheiro lhe pediam os seus salpicões, pois se põem de vinho e de alhos. Só me espanta que não meta entre os votos dessa carta o escrivão da Câmara a sua penada, por que como eles dizem que são vreadores perpétuos, em matérias de votos sempre são os primeiros.

— Não são (acudiu o lavrador) os homens da minha aldeia tão brutos, que não saibam que o officio de escrivão é como melão, escrito e calado, por que posto que eles sempre têm o ar e uma vara de quadrilheiros para o descarte (*discarte*), nem por isso são melhores, que sendo assim que o bom enxerto de peras se faz no espinheiro, e elès sendo filhos muitas vezes de um tojo se enxertam numa capa preta, nem por isso deixamos de ver que o hábito não faz o frade, e eu no meu ano com a minha vara na mão, e eles com a sua pena, ou ele há-de voar com ela, cantando passe a la vega (?) ou eu lhe hei-de varejar a lã, já que à custa do povo querem vestir tosado. Deixemos isto, e digam-me suas mercês — que lhes parece da nossa carta? que escrivães sòmente são bons como S. Dimas?

— Ela (respondeu o Escudeiro) vai joeirada como trigo de boda mas cuidar que a há a el Rei de ver, *esso crealo Medoro*, por que eu sou A.B.C. dário da Corte, e esses satrapas dela não são melhor lã que nós, lã (?) contudo melhor cardada, por que ali se criam asnos troianos, a quem recebemos com festas e eles nos assolam com fintas.

Ali se vendem por simonia muitos hábitos, encaixados em sujeitos tão pouco reverendos, que dirão vossas mercês que lhes puseram (como já disse outro) as cruzes nos peitos, por que não mijassem neles. Ali se estão os verdadeiros bichos da seda, que vivem com música, e morrem com trovões, quero dizer valentes na paz, e cobardes na guerra. Ali asas de formigas se convertem em asas de presunção, e as da verdade morrem amortalhadas de pobreza. Ah! quem leu, ou ouviu os tempos dourados de Portugal, aonde os Reis em razão de humanidade jogavam a choca com os vizinhos, e se deixavam perder: emprestavam dinheiro a mercadores sem interesse. Verdadeiro título de naturais e estrangeiros: faziam longas mercês a seus vassallos; tinham conselheiros do povo, e não conselheiros contra o povo: eram advogados dos pobres contra os ricos, e não ricos com o sangue dos pobres: faziam guerra aos mouros com o dinheiro de sua coroa, e não destroçavam como mouros aos cristãos de seu dinheiro: tinham em sua côrte estrangeiros com zelo de cristãos, e não cristãos piores que estrangeiros, a quem fora justo que lhe mandaram exhibir o título de Cristãos, por que quem vê tempos tão calamitosos bem pode suspirar com Túlio: *O domus antiqua quam dispari dono doñaris.*

— Bofê, senhor Licenciado, (disse o de Alhos Vedros) que está hoje Portugal como costal de carvoeiro, negro de fora, e negro de dentro, e não é a culpa del Rei, que Deus o benza dizem que é bonito rapaz; — mas toma, e tem criados noviços; e então o jarro o bebe primeiro que seu dono, e assim todas estas arengas lhe metem na cabeça, que peça dinheiro e mais dinheiro por que sabem que lhes há-de passar pelo seu escamel, e hão de fazer nele a doce França, e eu quando quiser comer que meta uma estaca nos dentes, por que se me finta-rem em seis vintens não os hei-de achar: ainda que venda seis filhos não mos hão de pagar a vintem uns por outros, por que os demais são fêmeas. E eles sustentam cavalos, cães, pássaros, bugios, e toda a mais imundice, e se lhe pedirdes um real de esmola hão vos de prender por vagabundo. Tire



el Rei na má hora a esses bilhafres de bico revolto o que têm furtado a Ele e a nós, e Deus lhes cuspirá na boca: por que furtar a ladrão é ganhar sete anos de perdão.

— Bem se pode dizer que Portugal (disse o Estudante) *non meriti paenam pateris, sed nominis iram* — por que não é ele fintado por mais rico, nem anexado por menos leal, mas nossos pecados são incentivo da D. justiça.

A este tempo chegou a vendeira sentenciando-os a pagamento, com o qual pregão todos estremeram, principalmente o Estudante, que se ateuve ao Lavador, e o Escudeiro, cuja bolsa vinha como lenço de esposado; e esquecidos do discurso se apartaram, prometendo-se segunda vista na resposta do Conselho.

«*Deo gratias*»

«*Composto pello escandalo; e revisto pella ociosidade.*»

## Glossário e notas

*Bebo vinho e mijo claro*: Lá diz o rifão «urinar claro, figas ao médico». No «*Auto chamado dos Físicos*», tanto Mestre Felipe, como Mestre Fernando «sulurgião», ao examinarem o clérigo, atacado de «*fiebre continua y quente*», da «*fiebre podrida*» do amor lascivo, falam nas «ourinas», e este diz:

Mijaste no ourinol,  
que vos faça boa prol?

— *pronostica algum mau cajão*: algum desastre, azar, incidente.

*udo e graúdo*: havia a frase — «não deixar udo nem miudo» — grande nem pequeno. Ou seja: sem excepção.

*gualteira de rebuço*: carapuça de abas, a tapar o rosto. Às gualteiras de rebuço faz referência um Alvará de 1576 (6 de Outubro). Embuçado.

*tiram pelas portas para vós:* na *Revista Literária* (tomo 1.<sup>o</sup> — 11, Porto, 1843) vem fragmentos de curioso estudo do *Barão de Gerando* sobre a história do tratamento a Expostos e Enjeitados, todavia muito deficiente em relação a Portugal e Espanha; ainda o *Projecto para a administração dos Expostos*, no *Investigador Português em Inglaterra* (n.<sup>os</sup> 49 e 50, Julho e Agosto de 1815, por um velho Ministro de Estado — *Filipe Ferreira de Araújo e Castro*. Cobram pelas portas as fintas, como quem anda às esmolas para meninos enjeitados.

*crelgo:* clérigo. Em Gil Vicente: *crego*. No *Cancioneiro de Resende* — *créligo*. *Clelugo* — no *Leal Conselheiro*. *Clergo* — em o *Auto das Regateiras de Lisboa*. (Vide nota 75, a pág. 334, da Ed. por *Silveira Bueno* — Catedrático da Universidade de S. Paulo —, Lisboa: 1945).

*cousa cevada:* preparada.

*escoimado parecer:* livre e exacto, sem peias nem defeito.

*trêfego:* artiloso, astuto, mas compreensivo.

*furacos:* buracos.

*folhada do povo:* a massa do povo, magote, grande número de pessoas.

— *contas de taberneiro:* Embora, — muito embora, a maioria das vezes tiradas a giz ou feitas de memória, nas contas do taberneiro não falta a mínima, a mais insignificante parcela: se é um ovo cru que se partiu numa das pontas, e se mexeu com dois greiros de sal e um palito; se, para acompanhar o vinho, dois gomos de um alho, ou duas azeitonas: certíssimo, no fazer das contas, não esquecer o ovo, o sal, o palito, ou os dois gomos, sejam as duas azeitonas. *Oliveira Marreca*, tão injustamente esquecido, desenha a primor o quadro:

«A velha foi buscar giz. E assim como a criada de servir que sem saber escrever assenta no rol da roupa as meias, as anáguas, as camisas da senhora, os cueiros do menino, o babador da menina, e entende tão bem aqueles jeroglíficos que, se a lavadeira na volta lhe traz de menos um esfregão de cozinha, se arma ali logo uma rixa entre as duas, não apaziguada até que a saloia dê para ali conta da peça

que falta; — assim a tia Josefa, mesmo sobre as táboas da mesa, riscando umas nigromâncias, que toda a ciência paleográfica não bastaria a decifrar, nem por isso omitiu o mais miúdo silique; e feita uma conta de somar em que nada teriam que esgaravatar, se lhe podessem tirar a prova os mais autorizados professores das quatro espécies, disse para o frade quanto montava o escote dele.» (*O Conde Soberrano de Castela, Fernão Gonçalves*, cap. 14).

*solapada*: dissimulada, mas assente em maldade.

*caldo de raposo*: Há o ditado — «Caldo de raposa, frio e queima».

*os baratos dos jogos*: o dinheiro que se levanta das apostas do jogo, ou aquele que entre os jogadores se reparte, e que estes muitas vezes pròdigamente davam (Vidé *Viagem de Francisco Pyrard de Laval*, vol. II, pág. 851).

*calabreados*: bem governados com astúcia e arte.

*oviosos*: talvez o mesmo que *oviados* — vaidosos e regalados.

*nunca o larga dela*: Delicioso epigrama!

*espadas de mais de marca*: O Alvará de 1557 (3 de Agosto) reforçara a Ordenação de 1539 (20 de Fevereiro) que proibia maior comprimento nas espadas do que cinco palmos, incluindo o punho e a maçã; uma Lei de 1539 (7 de Outubro) proibira os desafios, e outra de 1596 (10 de Outubro) o uso de armas defesas.

*a minha pincha é*: é meu parecer desempoeirado e afouto.

*tornando as portas a seu couce*: metendo-as nos eixos, repondo as coisas no seu devido lugar.

*que é melhor o toutico que a testa*: que mandam mais os que estão por detrás do que quem à frente do poder.

*sacudidor*: desempenado, agil, mexido.

*ides avesso no malhão*: levais as coisas à valentona e não pelas regras do jogo, ou seja, pelas boas normas de administração.

Faz-se referênciá a um aviso que mandara já o ano atrás *Cerolico o Bebado*. Na mesma colecção de que extraio este colóquio vem, igualmente manuscrito, a «*cópia de hũ senatus consulto*» da vereaa-

ção de *Soloriquo Bebado* sobre os negócios da guerra «este anno de 1624».

*filhos muitas vezes de um tojo*: de gente baixa e humilde, rasteira como o tojo.

*capa preta*: a da magistratura municipal.

*S. Dimas*: o Bom Ladrão.

*Medoro*: personagem do *Orlando furioso* de Ariosto.

*choca*: jogo da bola, em que se dá com uma vara grossa.

*que é bonito rapaz*: Filipe IV tinha 16 anos de idade quando, em 1621, herdara o trono.

*escamel*: banco de espadeiro para o polimento das espadas: eles se encarregam de limpar o dinheiro.

*BILHAFRE*: ave de rapina, semelhante ao açor.

---

## ERRATA

### *Jasão*

Escrito, e revisto em provas tipográficas, o longo arrazoado sobre o verdadeiro dono e portador daquele nome, ficou-me sempre o travo mau da ignorância. Não me sabia a estranho à vista. E não era. Logo certa manhã, depois, o fui re-descobrir na famosa comédia de Molière — *Monsieur de Pourceaugnac*, na cena final do segundo acto, na boca do advogado palrador:

... «*Si vous consultez nos auteurs,  
Legislateurs et glossateurs  
Justinian, Papinian,  
Ulpian et Tribonian,  
Fernand, Rebuffe, Jean Imole,  
Paul, Castra, Julian, Barthole,  
JASON, Alciat et Cujas*»...

Fizera eu, no atapulho da minha nota inscia, também, um ridículo papel molieresco. Da falta em público me castigo, já que a perpetrei assim em letra de forma.

EDUARDO DE ALMEIDA